



**CONGRESO
IBEROAMERICANO**
DE CIENCIA, TECNOLOGÍA,
INNOVACIÓN Y EDUCACIÓN

BUENOS AIRES, ARGENTINA
12, 13 Y 14 DE NOVIEMBRE 2014

**CONGRESSO
IBERO-AMERICANO**
DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA,
INOVAÇÃO E EDUCAÇÃO

BUENOS AIRES, ARGENTINA
12, 13 Y 14 DE NOVIEMBRE 2014

**A Universidade Federal da Integração Latino Americana
(UNILA): um estudo da inclusão da diversidade
epistemológica numa perspectiva não hegemônica.**

PONTES, S.;TAVARES, M.

A Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA): um estudo da inclusão da diversidade epistemológica numa perspectiva não hegemônica.

Suelen Pontes

PPGE/UNINOVE– Brasil

suelen.pontes@hotmail.com

Manuel Tavares

PPGE/UNINOVE- Brasil

tavares.lusofona@gmail.com

RESUMO

No mundo moderno/colonial a história da estruturação do conhecimento é resultante de um movimento de humilhação e marginalização, impostos pelas matrizes coloniais de poder. A colonialidade do poder, do ser e do conhecimento é, segundo Quijano, a face oculta da modernidade. Neste sentido, o processo descolonial depende do reconhecimento de espaços, experiências e expectativas contra as hegemônias coloniais, que são invisíveis, mas que estão postas dentro das matrizes institucionais. Essa perspectiva nos faz buscar a análise da inclusão da diversidade cultural e epistemológica no ensino superior, especificamente na Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA) que foi criada pela Lei nº 12.189, no âmbito de uma educação inclusiva e popular. Sua missão é contribuir para a formação de sociedades mais justas, cooperando para a integração solidária por meio da “indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (PDI; 2013-2017, p.7) na formação de indivíduos comprometidos com o conhecimento, resultando na busca de soluções acadêmicas, científicas e tecnológicas para os problemas da América Latina e Caribe. A interdisciplinaridade constitui um dos aspectos centrais dos projetos epistemológico e pedagógico da UNILA no sentido de estabelecer uma ruptura com os modelos disciplinares de educação superior, que caracterizam a educação superior tradicional. As questões relacionadas com a diversificação dos conteúdos curriculares e das abordagens metodológicas ligam-se à prática da construção do conhecimento numa perspectiva de interação e complementaridade. Como projeto inovador de educação superior, a inclusão da diversidade cultural e epistemológica implica que a interdisciplinaridade constitua o eixo central das atividades de pesquisa e de extensão, articuladas por um programa específico. O projeto UNILA, além de possuir um impacto nas políticas públicas para a educação superior e na relação com a economia local, com vocação internacional, busca olhar para as necessidades da região, rompendo também com os modelos de educação superior e de ensino tradicionais, buscando desenvolver uma contra-ideologia, não hegemônica, no plano acadêmico e na relação que estabelece com a comunidade. Possui, no entanto, o desafio de fazer a inclusão da diversidade epistemológica nas suas matrizes curriculares e nas respectivas ementas, indo ao encontro da sua proposta de integração e num processo de desconstrução das matrizes tradicionais de Ensino Superior, ainda de caráter

eurocêntrico. Neste sentido, buscaremos compreender se a UNILA, como um território intelectual e simbólico, vem sendo constituída dentro de uma característica inovadora que rompe com o modelo clássico de educação superior e como se dá a inclusão, na prática, da diversidade epistemológica proposta pelos Plano de Desenvolvimento Institucional, Regimento Geral e matriz curricular.

Palavras chave: Inclusão, Inovação, diversidade epistemológica, interdisciplinaridade, Integração e Universidade Popular.

Introdução

Este estudo analisa, numa perspectiva das epistemologias não-hegemônicas, a inserção da diversidade cultural e epistemológica nos novos modelos de educação superior instalados no Brasil, particularmente na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA).

O mundo moderno, ligado à colonização, transformou a produção do conhecimento isenta dos contextos sociais, impondo um modelo epistemológico eurocêntrico e dominante aos países subdesenvolvidos. Deste modo, a cultura dominante e hegemônica, silenciou todas as culturas e formas de conhecimento subalternos, dos povos colonizados, no processo de imposição de um modelo de racionalidade, além de um conjunto de valores morais, estéticos e religiosos. Resultante desse processo, a América Latina possui uma cultura que foi expropriada pelos colonizadores, determinando, a partir de pressupostos epistemológicos e axiológicos eurocêntricos, a configuração de toda a produção do conhecimento regional e local. Cabe destacar que a luta pela libertação dos povos na fase pós-colonial é um indício de um processo de desprendimento complexo e dependente da emancipação das consciências dos modelos imperiais de racionalidade que silenciaram os sujeitos.

A fundação da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) propõe um intercâmbio cultural das racionalidades silenciadas, podendo funcionar como um espaço de experiência das epistemologias não hegemônicas, quando se propõe incluir a diversidade numa proposta multicultural e multilíngue para o desenvolvimento tecnológico de inovação com bases humanísticas, rompendo com os modelos tradicionais de ensino superior público no Brasil, e, simultaneamente, apresentando um projeto político estratégico para o fortalecimento do relacionamento com os outros países da região.

A UNILA, localizada no Brasil na tríplice fronteira entre Argentina e Paraguai, é uma universidade nova que iniciou suas atividades acadêmicas no ano de 2010. Majoritariamente é uma universidade brasileira, que possui os parâmetros e critérios impostos por uma legislação federal, tendo que responder as mesmas demandas exigidas aos modelos tradicionais de educação superior públicos.

O que, em princípio, permite diferenciar a UNILA dos modelos tradicionais de ensino superior é a sua proposta interdisciplinar e intercultural, que constitui um dos aspectos centrais dos seus projetos epistemológicos e pedagógicos presentes na indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão, referenciados no seu plano de desenvolvimento institucional (PDI).

As matrizes institucionais deste novo modelo de educação superior possuem um perfil não hegemônico com uma vocação internacionalista de integração solidária apontando para a descolonização das relações de poder, ao abrirem margem para afirmação e construção de outros discursos e outras racionalidades suprimidas pelo sistema colonial e neocolonial.

O processo de colonização na América Latina

O moderno sistema mundial nasceu ao longo do século XVI. As Américas, como construção social do ocidente, nasceram também no século XVI. A criação dessa entidade geossocial foi o ato constitutivo do sistema mundial moderno. Todavia, as Américas não foram incorporadas a uma economia capitalista mundial já existente mas, por outro lado, não poderia ter havido uma economia capitalista mundial sem as Américas. Assim se refere Wallerstein (1992) à construção do sistema mundial moderno, indissociavelmente ligada à colonização. Do mesmo modo, Quijano defende a ideia de que o sistema social moderno está associado às ideias fundamentais de modernidade e colonialidade. A modernidade, de acordo com Mignolo (2003) e Quijano (1997), não é um período histórico, mas uma construção narrativa dos atores e instituições que, a partir do Renascimento, se conceberam como centro do mundo. As auto-narrativas salvacionistas da modernidade anunciaram ao mundo, sobretudo aos povos sob o domínio colonial, os benefícios da conversão ao cristianismo e ao projeto de modernização e desenvolvimento dos estados europeus. Impuseram, assim, um modelo de desenvolvimento, de conhecimento e de sociedade que, mesmo depois dos processos de descolonização, se mantiveram nas diversas estruturas ainda coloniais de poder. A colonialidade é, por isso, a face oculta da modernidade que contém em si a colonização. A violência, explícita ou simbólica, mantém-se sob a forma de colonialidade.

O processo de colonização foi determinante (historicamente) para o desenvolvimento ou subdesenvolvimento dos países americanos, atingindo também o processo de produção do conhecimento. Os processos de ocupação operados ao longo do processo de colonização nos esclarecem sobre as condições atuais dos países do continente, deixando em evidência a imposição do modelo epistemológico da modernidade que continua a ser o modelo dominante. A epistemologia eurocêntrica, ainda dominante, adquiriu um estatuto de universalidade dado que a produção de conhecimento na modernidade foi alheia aos contextos sociais que determinaram a sua produção. Por outro lado, a cultura dominante e hegemônica, ao silenciar todas as culturas e formas de conhecimento subalternos, impôs um modelo de racionalidade e um conjunto de valores morais, estéticos e religiosos a todos os povos sob o domínio colonial. Esta imposição criou dependências intelectuais que determinaram que impediram que a América Latina se tornasse independente do ponto de vista acadêmico. A manutenção das estruturas coloniais ao nível das universidades e do modelo de racionalidade ocidental constituem constrangimentos impeditivos à produção de outros conhecimentos de acordo com a diversidade cultural existente na América Latina. A cultura do colonizador acabou sendo apropriada pelo colonizado, determinando e configurando toda a produção do conhecimento.

O sistema mundial moderno, de acordo com a perspectiva de Mignolo (2003), foi uma máquina poderosa que construiu um imaginário histórico ainda dominante e que subalternizou todas as formas de conhecimento não redutíveis a esse imaginário, formas de conhecimento que não podiam ser justificadas dentro da configuração epistemológica e da racionalidade modernas. O fenômeno da ocidentalização não se

deu somente pela imposição jesuítica e franciscana de imposição de um sistema colonial, mas também pelos efeitos provocados pela construção múltipla de um imaginário, que gerou diversas representações sociais, sobre a vida e sobre o mundo. O modelo de conhecimento foi um instrumento poderoso de colonização das mentes que torna difícil a afirmação, em pé de igualdade, de outros modelos de conhecimento subalternizados. Neste sentido, uma das tarefas que se impõe à educação, nas suas múltiplas dimensões e níveis, é a da descolonização das mentes. W. Mignolo refere que (2010, p. 11),

(...) Si el conocimiento es un instrumento imperial de colonización, una de las tareas urgentes que tenemos por delante es descolonizar el conocimiento. En los últimos tres o cuatro años, em los trabajos y conversaciones de los miembros del proyecto de investigación modernidad/colonialidad la descolonialidad se convirtió em la expresión común emparentada com el concepto de colonialidad y se extendió la colonialidad del poder (económico y político) a la colonialidad del conocimiento y la colonialidad del ser (de género, sexualidade, subjetividade y conocimiento); éstos fueron incorporados al vocabulario básico de los miembros del proyecto de investigación.

O modelo de educação brasileira é ainda resultante dos processos coloniais e neocoloniais. Tendo em consideração a diversidade étnica e cultural existente no Brasil, a descolonização das mentes, do conhecimento e das estruturas do poder constitui um pressuposto fundamental para o incremento de modelos educacionais que possam ter em consideração a multiplicidade cultural existente no Brasil, desde as diferentes etnias indígenas até aos afrodescendentes que pertenciam, originariamente, a grupos étnicos diferentes e que foram escravizados pela colonização europeia desde o final do século XVI. Os colonizadores, portugueses, espanhóis, franceses, holandeses, trouxeram com eles uma religião, distintos costumes e dialetos que impuseram aos povos colonizados, destruindo ou silenciando as suas identidades originárias. Veiga refere que, no caso do Brasil, a educação do período colonial está ligada, sobretudo, à preocupação de conversão dos povos indígenas:

(...) é controverso afirmar que o período colonial se caracterizou por uma educação colonial, ainda que aplicada no Brasil. Nesse sentido, para desenvolvermos a educação do período colonial, talvez seja mais apropriado fazer referência a uma história da educação portuguesa, mesmo a partir desse contexto. Duas questões se apresentam para o estudo da educação no período: a diversidade das atividades educacionais e a relação entre a educação colonial e a expansão ultramarina. Quanto a primeira, destaca-se a variada ação pedagógica. No caso dos jesuítas – em menor proporção no de outras ordens religiosas – se salientam a ação missionária da conversão dos índios, a formação teológica para religiosos e pessoas com vocação e a preocupação em educar os filhos dos colonizadores (2007,p. 50).

Walter Mignolo, no início dos anos 80, deixa claro que Aníbal Quijano ao apresentar “*el inquietante concepto de colonialidad*”, no artigo que foi publicado em 1989 “*Colonialidad y modernidad – racionalidad*”, relaciona o poder colonial, com o poder econômico, com o poder do conhecimento. Existe a necessidade de dar um

ponto final à lógica do colonialismo, que tem uma matriz de poder entrelaçada com uma estrutura completa de controle, conforme nos apresenta Mignolo (2010, p.12):

Colonialidad del poder: Control de la subjetividad y del conocimiento; Control de la economía; Control de la autoridad; Control de la naturaleza y de los recursos naturales; Control de género y la sexualidade.

Essa estrutura completa de controle acaba fazendo parte do processo de colonialidade do saber, implicada na matriz colonial do poder, que atua racionalizando as ações. Se o conhecimento é um instrumento imperial, se faz necessária a tarefa de descolonizar o conhecimento. A descolonização se inicia como uma proposta de desprendimento epistêmico, também inserida na dimensão da base social e no âmbito acadêmico. A questão da emancipação e descolonização/libertação são dois projetos distintos, localizados em diferentes espaços geopolíticos. É uma ideia fundada em três principais experiências históricas: a Revolução Gloriosa de 1688, a independência dos colonos de Nova Inglaterra e de Virginia “con respecto al império britânico” (MIGNOLO, 2010, p.21), na América em 1776 e a Revolução Francesa em 1789. Dentro dos quadros historiográficos destes períodos podemos encontrar o alcance do sentido da emancipação, um conceito que também é utilizado na afirmação da liberdade da classe burguesa.

Podemos traduzir a questão da colonialidade por intermédio da colonização das mentes, que instaura não só procedimentos, mas também a forma de pensar o mundo, a vida e a humanidade. A libertação, como um processo de transformação acaba oferecendo um aspecto mais amplo de inclusão de outras classes raciais que a burguesia europeia colonizou [direta e indiretamente]; neste sentido, a libertação e a descolonização acabam sendo projetos conceituais (portanto epistêmicos) de desprendimento da matriz colonial de poder, tendo em vista a construção de um novo sistema conceitual. A superação da matriz colonial do poder e do conhecimento implica a adoção da pluriversidade como alternativa epistêmica tendo em vista a construção de uma nova geopolítica do conhecimento que retire os privilégios epistêmicos aos países mais industrializados e reconheça novas epistemologias negadas pela dominação.

A descolonialidade é entendida também como um procedimento ético, epistemologicamente orientado e economicamente necessário, é uma dupla operação que envolve colonizadores e colonizados. Neste caso não existem detentores da verdade absoluta e não há dirigentes partidários de direita ou de esquerda que possam oferecer soluções para a sociedade, pois também fazem parte do processo colonizador, quando dão continuidade à lógica imperial (MIGNOLO, 2010). Nesta perspectiva, os vínculos políticos, económicos, epistêmicos e culturais existentes entre colonizadores e colonizados tornam complexo e difícil o processo de desprendimento do colonialismo.

O processo de desprendimento no pós-colonialismo

O processo de desprendimento do colonialismo numa fase pós-colonial está relacionado diretamente com a descolonização, como processo político resultante da luta dos povos pela sua libertação. Esse desprendimento é um processo complexo que implica a libertação das consciências dos efeitos do colonialismo em toda a realidade social, do saber e do ser; a colonização do saber se constituiu pela utilização

do conhecimento de um modo imperial com o objetivo de suprimir as subjetividades, silenciando os sujeitos, submetendo-os a formas de dominação colonial. O processo de descolonização acaba conduzindo à consciência da transformação completa das relações estruturadas pelas diferenças imperiais e coloniais, implicando a transformação das matrizes coloniais de poder. Na perspectiva de Santos (2004), o resgate dos saberes oprimidos pelos processos coloniais, implica o reconhecimento da diversidade cultural existente no mundo, sobretudo e de acordo com uma cartografia colonial, dos saberes existentes no Sul. As epistemologias do Sul são, na perspectiva do mesmo autor, os saberes oprimidos e silenciados pela colonização. Por isso, o Sul é considerado mais como uma metáfora do sofrimento humano, do que como o oposto do Norte numa relação especificamente geográfica. Todos os saberes são imperfeitos e, neste sentido, o reconhecimento de um pluralismo epistemológico possibilitará o diálogo entre a diversidade de saberes ou, de acordo com a matriz conceitual de Santos, uma ecologia dos saberes.

Para que o diálogo intercultural seja possível é, em primeiro lugar, necessário o processo de descolonização das mentes que, por sua vez, permitirá uma descolonização epistêmica possibilitante de um intercâmbio de experiências e significações e a abertura a outras racionalidades.

O intercâmbio, proposto pela Universidade de Integração Latino Americana (UNILA) pode funcionar como um espaço de experiência que assume outras perspectivas a que Mignolo chama “pluri-versalidad” (MIGNOLO, 2010,p.125), como um projeto universal que faz emergir outras racionalidades silenciadas e subalternizadas que Mignolo denomina por *pensamento liminar*. Esse pensamento abrange um mundo de histórias locais que pode suscitar um conjunto de articulações entre a diversidade cultural e a alteridade tendo em vista a construção de um projeto universal decolonial, pós-ocidental e anti-imperialista. Esse pensamento, que surge dos “entre-lugares” é um pensamento fronteiro, dado que está nas ruínas e nas margens criadas pela colonialidade, de onde poderá surgir um horizonte epistemológico transmoderno, pós-ocidental, anti-colonial e anti-imperialista (MIGNOLO, 2010). É verdade que o horizonte em que a realidade se enquadra nem sempre coincide com o horizonte de expectativa; todavia, a possibilidade de construir novos modelos de educação superior que ponham em causa o modelo instituído e que sejam verdadeiramente inclusivos e democráticos poderá ser o início de um percurso que valorize as culturas e saberes aos quais não foi reconhecida dignidade ontológica e epistemológica.

A UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO LATINO AMERICANA (UNILA) COMO PROPOSTA NÃO HEGEMÔNICA DE ENSINO SUPERIOR

O campo e universo desta pesquisa é a Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA) que não é, somente, um projeto de educação superior, mas também um projeto político estratégico de relacionamento com os países da região. A sua proposta se enquadra na tentativa de superação do imperialismo colonial no campo cultural e epistêmico. Seu projeto político se volta para a difusão científica, a inclusão da diversidade e a democracia cognitiva omnilateral, em uma proposta multilíngue e multicultural, o que vem a romper com os padrões tradicionais de ensino superior público.

O projeto institucional e político-pedagógico deste novo modelo de educação superior prevê a inclusão de outras culturas e da diversidade epistemológica, estando voltada para as tecnologias de inovação com bases humanísticas. A proposta de

criação da UNILA surge em dezembro de 2007 por meio de um projeto de lei que o Ministério da Educação enviou à Presidência da República, representada por Luís Inácio Lula da Silva. Do ponto de vista político, o projeto fundador da nova instituição constitui-se como estratégia que deverá permitir uma relação mais estreita entre os países latino-americanos da região. A sua sede foi instituída no Estado do Paraná, em Foz do Iguaçu, fronteira com a Argentina e Paraguai. Propositadamente, essa interação fronteiriça poderá favorecer o diálogo e a interação regional, com a cooperação e o intercâmbio solidário entre os demais países.

A proposta de criação da UNILA tem como objetivo a alta formação de recursos humanos, no intuito de contribuir para o desenvolvimento e integração cultural tendo em vista sociedades mais justas, estimulando o desenvolvimento e o intercâmbio científico e tecnológico entre as universidades e institutos de pesquisa na região. A contribuição para a promoção de uma rede de cooperação solidária e intercâmbio acadêmico entre os países da América Latina constitui também um dos objetivos de criação da UNILA. No intuito de cooperar para que a América Latina possua programas de pesquisa e cursos que enfatizem o desenvolvimento econômico, a sustentabilidade, a preocupação pelos recursos naturais, sociais e linguísticos, as relações internacionais, investindo nas áreas que possibilitem o desenvolvimento da região. É um grande desafio a contribuição para o amadurecimento da democracia, ao formar jovens na proposta de integração, em uma estratégia de inseri-los na sociedade do conhecimento (Decreto-lei 12.189 de criação da universidade).

No seu projeto fundador surge, com clareza, a dimensão de internacionalização ao integrar no projeto de educação superior os países da região. Um dos desafios que se coloca à universidade é a sua capacidade para responder às demandas, não só nacionais como internacionais. A universidade se propõe em produzir um alto nível de qualidade, tanto na questão acadêmica quanto na questão social, fundamentadas em uma ética de respeito pela diversidade e pelos direitos humanos universais.

É importante sublinhar que uma universidade, para enfrentar os desafios que se colocam à América Latina, necessita ser concebida com flexibilidade e versatilidade, de forma a enfrentar, com sucesso, as diferentes situações que se apresentarem. Na contramão dos projetos tradicionais de educação superior, a UNILA propõe ser uma universidade sem muros e sem fronteiras, que combine com o avanço da ciência e da tecnologia com a interação entre os saberes elaborados pela academia com os saberes produzidos pelos mais diversos segmentos sociais, com vistas a fazer do conhecimento um instrumento de promoção humana. Neste sentido, parece estar longe de fazer parte da predominância da estrutura disciplinar das universidades tradicionais, que possuem um modelo de conhecimento fragmentário, departamental e disciplinar. Do ponto de vista dos discursos, apresenta-se como um projeto interdisciplinar de gestão e de produção do conhecimento e, nesta perspectiva, poderá ser o embrião potenciador de novas formas acadêmicas de sociabilizar o conhecimento, de um modo holístico e integrador, tendo em consideração a relevância social do conhecimento e o seu contributo para o desenvolvimento da região latino-americana e, particularmente, dos países que integram o projeto.

O processo de fundação da UNILA

A universidade de integração latino-americana foi criada no dia 12 de janeiro de 2010, pelo decreto Lei nº 12.189. A sua missão é a contribuição para a formação de sociedades mais justas, cooperando para a integração solidária por meio da “indissociabilidade de ensino, pesquisa e extensão” (PDI; 2013-2017, p.7) na formação de indivíduos comprometidos com o conhecimento, buscando soluções acadêmicas, científicas e tecnológicas para os problemas da América Latina e Caribe.

A legislação que rege este novo modelo de educação superior é a mesma que rege todas as universidades federais brasileiras e, por isso, tem que responder as mesmas demandas exigidas pelos organismos multilaterais que controlam as universidades clássicas que consideramos tradicionais, ou seja, na prática, a UNILA é uma universidade federal como as outras, e deverá submeter-se aos mesmos parâmetros e critérios de produção científica e de qualidade na formação acadêmica. Saber como será possível incrementar um novo modelo de educação superior no âmbito de um quadro jurídico-legal tradicional constitui um dos desafios na operacionalização deste novo projeto. Inicialmente, foi tutelada pela Universidade Federal do Paraná mas, desde 2008, essa universidade vem sendo planejada e o primeiro passo foi a criação da Comissão de Implantação da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (CI-UNILA) pelo Ministro da Educação, Fernando Haddad no segundo mandato do presidente Lula. Primeiramente, foi criada uma comissão para a implantação da proposta sua proposta fundadora, presidida por Héglio Henrique Casses Trindade, professor titular de ciências políticas, membro da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação, ex-Reitor da UFRGS, tendo sido designado reitor pro-tempore da UNILA, até julho de 2013, juntamente com mais treze membros, cuja função foi a construção das matrizes curriculares da universidade. A sua comissão de implantação era composta por treze membros especialistas que foram escolhidos pelo seu conhecimento no campo da América Latina e das relações que são estabelecidas internacionalmente, com o intuito de materializarem as propostas de um projeto de empreendimento ímpar, considerando que esta universidade se apresenta como um projeto contra-hegemônico de educação superior. A leitura, análise e compreensão dos documentos fundamentais disponíveis levam-nos a considerar que este novo projeto universitário pretende pôr em prática a integração da diversidade cultural, da ciência e da tecnologia tendo em vista a formação diversificada das novas gerações.

O início das suas atividades acadêmicas verificou-se em agosto de 2010, com a abertura da primeira turma. Até ao presente, vem desenvolvendo as suas atividades em uma sede provisória, situada na Fundação Parque Tecnológico de Itaipu (PTI) até que o seu projeto arquitetônico, pensado pelo escritório de Oscar Niemeyer, seja finalizado, estando previsto para ser utilizado parcialmente em Julho de 2014. Por sua dimensão, trata-se da segunda maior obra da história da região, com área equivalente a 155.000 m², antes da Usina Hidrelétrica de Itaipu.

De acordo com os apontamentos do Plano de Desenvolvimento Institucional da UNILA, PDI - 2013/2017, ao iniciar suas atividades, oferecia seis cursos de graduação: Ciências Biológicas Ecologia e Biodiversidade; Ciências Econômicas: Economia, Integração e Desenvolvimento; Ciência Política e Sociologia: Sociedade, Estado e Política na América Latina; Engenharia de Energias Renováveis; engenharia Civil de Infraestrutura e Relações Internacionais e Integração.

Em dezembro de 2010, ficou pactuado com o MEC, que a universidade estaria preparada para oferecer os cursos de Ciências Biológicas-Ecologia Biodiversidade, Ciências Econômicas: Economia, Integração e Desenvolvimento, Ciências Agrárias, Geologia, Engenharias, Farmácia, Computação, Arquitetura, Artes, Música, Educação Física, Administração, Letras, História, Formação de Professores, Geografia, Relações Internacionais, Direito Internacional, Saúde Pública, Cinema, Educação, Física, Química, Matemática e Meio Ambiente, o que totalizaria 9900 matrículas quando a Universidade tivesse a sua implantação plena.

No decorrer do ano de 2011 foram aprovados mais sete cursos: Antropologia: Diversidade Cultural Latino-Americana; Ciências da Natureza: Biologia, Física e Química; Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar; História – América Latina;

Letras, Artes e Mediação Cultural; Letras, Expressões Literárias e Linguística; e Geografia – Território e Sociedade na América Latina.

Neste mesmo ano, teve início a área da pós-graduação com a oferta de cursos de Especialização em Literatura Latino-Americana e Especialização em Energias Renováveis, com ênfase em Biogás, primeiro curso com módulo a distância – em parceria com Fundação do Parque Tecnológico de Itaipu (FPTI).

No ano de 2012, além de oferecer os doze cursos aqui citados, foram iniciados os cursos de Saúde Coletiva, Arquitetura e Urbanismo, Música e Cinema e Audiovisual, somando um total de 16 cursos ao nível da graduação.

Com a parceria da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) e a FPTI no ano de 2012, também passou a oferecer os cursos de Especialização em Tecnologias Sociais para a Inclusão Socioeconômica, a Democratização Política e o Desenvolvimento Local, o que veio a contribuir para a formação do pessoal de recursos humanos, no âmbito de proporcionar estratégias para a inclusão social baseadas na produção e uso das tecnologias sociais. Prevê-se que em meados de 2014 terá a sua primeira turma do curso de medicina.

A inserção no plano regional e suas contribuições para a integração da América Latina e Caribe

A proposta da escolha da região de Foz do Iguaçu para a implantação do projeto se deu pela sua localização estratégica, pois, além de integrar as fronteiras da Argentina, do Brasil e do Paraguai, essa região possui características multiculturais favorecendo a interação dialógica e regional. Essa é uma região que possui uma escassez de vagas universitárias, em particular nas instituições públicas, o que justifica a implantação da UNILA na região, diante dessa necessidade. Existe a preocupação na expansão do acesso às classes menos favorecidas.

No Plano do Desenvolvimento Institucional (PDI) é atribuída importância ao desempenho do papel de sua inserção na região e seu desenvolvimento científico e tecnológico, artístico e cultural, mas, simultaneamente, o seu papel estratégico na contribuição para a integração solidária, baseada no apoio mútuo e na equidade, associando reciprocamente os recursos e os conhecimentos.

Realmente todo esse esforço é desafiador, pois para as diferentes áreas de conhecimento, buscar estabelecer um diálogo com os diferentes campos de conhecimento de forma multi e interdisciplinar não é uma simples tarefa. Do ponto de vista epistemológico, a missão desta nova universidade é tomar a produção do conhecimento como veículo da integração e consolidação solidárias.

A proposta Interdisciplinar

A questão da interdisciplinaridade se constitui como um dos aspectos centrais dos projetos epistemológicos e pedagógicos da UNILA no sentido de estabelecer uma ruptura com os modelos disciplinares de educação superior, que caracterizam a educação superior tradicional. Todas as questões relacionadas com a diversificação dos conteúdos curriculares e das abordagens metodológicas se relacionam à prática da construção do conhecimento numa perspectiva de interação e complementaridade. Como proposta inovadora de educação superior, a inclusão da diversidade cultural e epistemológica implica que a interdisciplinaridade constitua o eixo central das atividades de pesquisa e de extensão, articuladas por um programa específico. O diálogo interdisciplinar, quer ao nível da pesquisa quer do ensino e da extensão proporcionam um debate epistemológico que gera a produção de novos

conhecimentos com configurações substancialmente diferentes das que encontramos no debate epistemológico clássico. A abertura a outros saberes, enraizados na diversidade cultural, é geradora de um diálogo intercultural que não está presente na epistemologia clássica.

Na parte empírica da nossa pesquisa entrevistamos a pró-Reitoria de Relações Internacionais, deixando claro que a proposta de aplicação de um projeto interdisciplinar é um princípio estruturante da universidade; em relação a isso refere o seguinte,

[...] Como alcançar é um grande desafio, porque toda a estrutura institucional da UNILA foi pautada na interdisciplinaridade. Não há como nas outras federais, não há departamentos na UNILA. Não existem faculdades, não há especialização do conhecimento. A tentativa é inversa. Por isso que nós temos os centros interdisciplinares. Eu diria que o coração da UNILA, com base nos seus documentos, estatutos, regimentos e documentos iniciais, o coração, a potência da UNILA está em seus centros interdisciplinares. Esses centros congregam cursos de graduação [...]

Podemos perceber que, desde o início, a interdisciplinaridade constitui um pressuposto dos documentos e discursos fundadores da universidade. Desde sua fundação emergiu a necessidade de nivelar o conhecimento entre os alunos das diferentes regiões latinas da América e Caribe, pela criação de um ciclo comum obrigatório constituído pelas seguintes disciplinas: Fundamentos da América Latina, Metodologia e estudo das línguas: espanhol e português, como nos explica a coordenação de Relações Institucionais e Internacionais,

[...] dentro desse ciclo tem todos os cursos, nós temos a disciplina de Fundamentos da América Latina, onde todos os estudantes vão estudar sobre a América Latina, essa coisa da diversidade cultural, da diversidade de línguas, enfim e tudo que trata da América Latina. Temos os estudos das línguas, português para os estrangeiros e espanhol, para os brasileiros, e temos uma disciplina de Metodologia que é mais uma parte, na verdade de Filosofia que trata da epistemologia mais voltada para essa área; então, todos os alunos têm disciplinas obrigatórias do ciclo comum e, independentemente da área de cada um, eles tem que passar por esse ciclo comum de estudos.

A diversidade cultural, no âmbito da América Latina se faz presente e a proposta do ciclo comum de estudos faz com que esses alunos observem a sua própria realidade, como primeiro passo para aprender a lidar com as diferenças, assim como a respeitar o outro. Além dessas disciplinas também existem programas extracurriculares que oferecem cursos opcionais, como é o caso da língua guarani, para aqueles que possuem esse interesse.

Os projetos propostos pela extensão da universidade, vem promovendo encontros de culturas por intermédio de eventos de dança e culinária típicas, contemplando a multiculturalidade e a interculturalidade. Em relação a isso, o que se materializa como prática de construção de conhecimento, a Pró-Reitoria de Extensão nos esclarece que,

[...] é uma tentativa de nos repensarmos enquanto produção de conhecimento também, mas dentro dessas outras perspectivas, e aí há uma mudança epistemológica muito grande e uma mudança de se repensar tanto enquanto Universidade e assim desde o espaço mais micro à prática cotidiana, como trabalhar desde as referências bibliográficas às soluções teóricas, os autores, com quem vamos dialogar, até pensarmos nessa perspectiva mais macro com relação à proposta de Universidade, que daí vai estar (que eu já estou adiantando algumas questões) no nosso PPI, no próprio regimento, no próprio estatuto, tem todas essas questões colocadas: qual é a missão das nossas Universidades, mas também em uma dimensão ainda mais macro que é a dessa relação intercontinental ou entre os continentes (...).

Mesmo imersos em grandes confrontos jurídicos, a universidade se constrói como uma proposta de educação superior popular, procurando respeitar e promover a diversidade existente nos países da América Latina e, ao mesmo tempo, como proposta de democracia omnilateral. Ao dinamizar o debate com a comunidade e entre os diversos grupos que a constituem, perspectiva-se como um modelo contra hegemônico e como uma espécie de “suporte acadêmico” das relações internacionais do Brasil com os países limítrofes, pertencentes ao MERCOSUL.

Formação universalista

De acordo com o plano de desenvolvimento institucional (PDI), a UNILA busca garantir à geração futura o compartilhamento de conhecimentos, procurando respeitar criticamente os métodos, os avanços e as inovações científicas de cada área. Com uma perspectiva interdisciplinar, pretende a construção de uma trajetória acadêmica na indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão, levando a universidade para o enfrentamento da compreensão da realidade latino-americana e caribenha em sua conexão com a complexidade da contemporaneidade. Com base nessa perspectiva, a formação acadêmica se concretizará na construção de um campo de diálogos baseados nas experiências, saberes e reflexões dos professores e estudantes, dando preferência às mais diversas questões da América Latina e Caribe, sem deixar de considerar a abordagem teórico-metodológica que foi historicamente solidificada, se comprometendo com o presente em transformação.

Com sua vocação internacional, a universidade pretende manter relações de cooperação e harmônicas com as diversas entidades internacionais (sendo governamentais ou não) firmando convênios e parcerias de ajuda mútua, principalmente com aqueles que se vinculam aos debates latino-americanos e caribenhos. No PDI, esta nova instituição se compromete com a transparência e divulgação destes convênios já firmados e pela ampliação de acordos que podem vir a fortalecer a manutenção dos acadêmicos junto à instituição e na cidade de Foz do Iguaçu, onde está localizada a universidade. Também se faz presente a busca do reconhecimento dos diplomas da instituição nos países originários dos estudantes.

Essas características peculiares da UNILA tendem a contribuir para a integração latino-americana e caribenha por meio do conhecimento compartilhado e pela formação de profissionais que se comprometam com o desenvolvimento regional e equidade social.

Notas inconclusivas

Atualmente, a educação superior brasileira, segundo o Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior – Andes/SN -, é uma das mais privatizadas do mundo, sendo um enorme palco de interesses e jogos de poder que se desviam o foco da priorização das necessidades da sociedade, carregando consigo o legado deixado pelas constituições anteriores e sobrevivendo de emendas que segregam ainda mais a esfera educativa que foi tatuada pelo processo mercantil.

Como uma nova proposta de ensino superior público, que considera a inclusão dos diferentes povos na região da América Latina e Caribe, a UNILA vem se constituindo no seio de uma educação superior de cunho popular, que visa, não só a democratização cognitiva omnilateral, mas também o resgate dos saberes que foram colonizados e elitizados ao longo da história, contribuindo, também, para a integração regional que é dada por meio de uma prática humanística.

A sua política institucional e fundadora é orientada por princípios filosóficos e metodológicos que pretendem estabelecer uma ruptura com a unidimensionalidade epistemológica que caracteriza os modelos tradicionais de educação superior. Como afirmamos ao longo do texto, o modelo de educação superior no Brasil e nos países que sofreram processos longos de colonização, é resultante, numa primeira fase, da influência europeia e, posteriormente, do modelo de universidade norte-americano. O colonialismo como vestígio do processo de colonização regional contribuiu para o silenciamento e exclusão da diversidade cultural e epistemológica existente no Brasil e em outras regiões latino-americanas. Partindo dos discursos dos principais atores envolvidos na implementação do projeto e dos documentos que lhe dão forma, temos a percepção de que os fundamentos e princípios que sustentam e configuram o novo modelo de educação superior, em que a UNILA se enquadra, têm um perfil não hegemônico e são esses fundamentos e princípios que deverão sustentar as práticas de ensino, pesquisa e extensão, tal como a gestão da universidade: o bilinguismo e o multilinguismo, a interdisciplinaridade, a interculturalidade, a gestão democrática e a integração solidária. No Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) afirma-se que a universidade tem uma vocação internacionalista de integração; considerando que a América Latina tem sido marcada pela colonialidade do poder que se estende ao conhecimento e às instituições que o produzem, a UNILA surge como uma instituição de educação superior que tem na sua matriz institucional a descolonização das relações de poder e a abertura à afirmação de outros discursos e de outras racionalidades hostilizados e oprimidos pelas formas de poder colonial e neocolonial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANCLINI, N.G. (1990). *Culturas Híbridas*. São Paulo: Edusp.

CEPAL/UNESCO (1992). *Educación y conocimiento: eje de la transformación productiva con equidad*. Santiago.

CI-UNILA. (2009). *A Unila em construção: um projeto universitário para a América Latina/ Instituto Mercosul de Estudos Avançados – Foz do Iguaçu: IMEA,*.

COPPETE, M.C.; FLEURI, R. M; STOLZ, T. (2012). Educação para a diversidade numa perspectiva intercultural. In. *Revista Pedagógica – UNOCHAPECO*. vol.01 p. 231-262.

CUNHA, Luiz Antônio. (2000). Ensino Superior e a Universidade no Brasil. In: LOPES , Eliane TEIXEIRA,Marta. *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autentica, , p.151-204.

DUSSEL, E. (1995). *O encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade, conferências de Frankfurt*. Petrópolis: Vozes.

ESTERMANN.J. (2013). La letra com sangre no entra. Apuntes sobre uma educación intercultural y descolonizadora. In CABRERA, Christian H. Mendizábal; ROCA, Miriam V.; TEODORO, António; LOURENÇO, Filipa. *Interculturalidad y educación superior. Desafíos de la diversidad para un cambio educativo*. Editorial Biblos: Buenos Aires. p. 205-232.

FAVERO, Maria de Lourdes de A. (1977). *A universidade brasileira em busca de sua identidade*. Petrópolis: Vozes.

FREIRE, P. (1970). *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

GALEÃO, A.C.N.R.; NETO, A.J.S. (2011). Multi e Interdisciplinaridade em Engenharia, Tecnologia e Gestão da CAInter. In JUNIOR, A. P.; NETO, A.J.S. *Interdisciplinaridade em Ciência , Tecnologia & Inovação*. (orgs). Barueri – SP: Manole. p.853- 868.

GENTILI, Pablo. (1997). *Pedagogia da exclusão: crítica ao neoliberalismo em educação*. São Paulo: Vozes.10ª . ed.

MANACORDA, M. A. (1989). *História da educação: da antiguidade aos nossos dias*. São Paulo: Cortez,.

MIGNOLO, W. (2010). *Desobediencia epistémica: retórica de la modernidade lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. Buenos Aires: Ediciones del Signo.

MOROSINI, Marília Costa. (1994). *Universidade no MERCOSUL*. São Paulo: Cortez.

PDI.UNILA. (2013). *Plano de desenvolvimento institucional*. São Paulo.

PHILIPPI JR, Arlindo; NETO, Antônio J. Silva. (2011). *Interdisciplinaridade em Ciência, Tecnologia & Inovação*. Barueri , SP: Manole,.

PINTO, Álvaro Vieira. (1994). *A questão da universidade*. São Paulo: Cortez. 2ª.ed.

QUIJANO,A. (1992). *Colonialidade y Modernidade/ Racionalidade*. Lima: Perú Indígena, vol. 13 nº16.

_____.(2005). Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In LANDER, Edgar. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Colección Sur Sur, CLASCO.

ROMANO,R. (2006). Reflexões sobre a universidade. In. SILVA. Maria Abadia; SILVA, Ronalda Barreto. *A idéia de Universidade: rumos e desafios*. Brasília: Liber. p. 17-48.

ROMÃO, J.Eustáquio. (2009) “Epistemologias” em confronto na internacionalização da Educação. In. ROMÃO, J.Eustáquio; MANFREDINI, Ivanise (orgs.). *Prometeu desencantado: Educação superior na Ibero-América*. Brasília: Liber. p.25-42.

SANTOS, Boaventura de Sousa. (2004). *Reconhecer para libertar. Os caminhos do cosmopolitismo cultural*. Porto: Afrontamento.

_____. (2010). *A gramática do tempo*. Porto: Afrontamentos, 7ª ed.

_____. (2000). *Pela mão de Alice: o social e o político pós modernidade*. São Paulo: Cortez, 7ª ed.

_____. (2011). *A Universidade no Século XXI: Para uma reforma democrática e emancipatória da universidade*. São Paulo: Cortez, 3ª. ed.

SAVIANI, D., LOMBARDI, J.C. & SANFELICE, J.L. (2002) . *Capitalismo, trabalho e educação*. Campinas: Autores associados.

STEIL, A. V.; (2011).Trajetória interdisciplinar formativa e profissional na sociedade do conhecimento. In. *Interdisciplinaridade em Ciência, Tecnologia & Inovação*. JUNIOR, A. P.; NETO, A.J.S. Barueri – SP: Manole, p.209-228.

STOER, Stephen R.; CORTESÃO, Luisa; CORREIA, José A. (2001). *A transnacionalização da educação: da crise da educação à educação da crise*. Lisboa: Afrontamento.

TAVARES, Manuel. (2012). Culturas e Educação: a Retórica do Multiculturalismo e a Ilusão do Interculturalismo. In. *IX Colóquio de Pesquisa sobre instituições escolares*. São Paulo. Anais. São Paulo: Universidade Nove de Julho - UNINOVE, p. 1 – 18.

_____. (2013). A Universidade e a pluriversidade epistemológica: a construção do conhecimento em função de outros paradigmas epistemológicos não ocidentocêntricos. In *Revista Lusófona de Educação*. São Paulo: Viena Gráfica, ed.24, p. 49-74.

TEODORO, A.; MENDIZABAL, C.; LOURENÇO, F. & ROCA, VILLEGAS, M. (2013). Desafios de la diversidad para un cambio educativo. In. *Interculturalidad y educación superior em América Latina*. Buenos Aires: Editorial Biblos.

TORRES, Carlos. (1994).*Curriculum universitário siglo XXI*. Entre Rios.

UNESCO. (1999). *Tendência da educação superior para o século XXI*. Brasília: UNESCO/CRUB.

VEIGA, Cynthia Greive. (2007). *Historia da Educação*. São Paulo: Ática.

WALLERSTEIN, I. (1992). The West. Capitalism and the Modern World-System. *Review* 14, nº 4, p. 561-620.

YAPU, Mario. (2013). Transformación del Estado y desafíos de la Interculturalidad em educación superior: donde está la descolonización. In. CABRERA, Christian H. Mendizábal; ROCA, Miriam V.; TEODORO, António; LOURENÇO, Filipa. *Interculturalidad y educación superior*. Buenos Aires: Editorial Biblos, p.95-119.

Site:

<http://antigo.andes.org.br/historia.htm>, acessado em 02/05/2013